



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Márcia Terezinha da Silva Coelho

A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA CULTURA DIGITAL

**Florianópolis (SC)
2019**

Márcia Terezinha da Silva Coelho

A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA CULTURA DIGITAL

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação da Prof^a Dr^a Andrea Lapa.

**Florianópolis (SC)
2019**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Coelho, Márcia Terezinha da Silva
A educação no contexto da cultura digital /
Márcia Terezinha da Silva Coelho ; orientadora,
Andrea Brandão Lapa, 2019.
60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Cultura digital. 3. TIC. I.
Lapa, Andrea Brandão . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

Márcia Terezinha da Silva Coelho

A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA CULTURA DIGITAL

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 24 de junho de 2019

Prof^ª. Dra Jocemara Triches
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra Andrea Brandão Lapa
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dra Dulce Márcia Cruz
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Me. Ingrid Nicola Souto,
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado ao meu esposo e meu filho,
meus grandes amores.
E as minhas irmãs e sobrinhas
para que se inspirem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo Herlon Coelho pela paciência e todo o suporte recebido.

Agradeço ao meu filho Bernardo Coelho pelo entendimento dos almoços corridos e as crises de stress para que eu não me atrasasse.

Agradeço ao meu cunhado Glauber Marangoni Borba que acreditou e me fez acreditar que eu seria capaz de passar na “Federal”.

Agradeço aos amigos que a Universidade me deu: Ana Ludwig, Juanna Sagaz, Lionara Poletti, Milena Goés, Nayara Tosatti, Soraya Zapata e todos que passaram pela graduação e deixaram de alguma maneira suas marcas.

Agradeço aos professores que atuaram na minha transformação, principalmente a professora Andrea Lapa, por toda atenção e dedicação, a Márcia que entrou em 2013 não é a mesma que está saindo em 2019, obrigada por todo conhecimento compartilhado!

Agradeço à você, mãe, que de onde estiver sei que me mandou boas energias e força para que eu não desistisse em 2015 após a sua morte.

Mais que tudo, agradeço a Deus pelas oportunidades e pela vida.

Resumo

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo apresentar os desafios da educação no contexto da cultura digital. Além de realizar uma fundamentação teórica na mídia-educação, foi feita uma leitura aprofundada de dados estatísticos sobre a presença das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no cotidiano de crianças e jovens no Brasil. Apresenta também, dados de uma experiência real, de uma intervenção mídia-educativa realizada no Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina, através do Projeto Conexão Escola-Mundo. Buscou-se na medida do possível, relacionar os dados das pesquisas para conhecer quem são os sujeitos que frequentam as escolas. Importa conhecer como as TIC estão presentes na vida das crianças e jovens e como a educação poderia integrá-las de forma construtiva.

Palavras-chave: Cultura digital. Mídia-educação. Tecnologias da informação e comunicação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. AS TECNOLOGIAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....	10
2. CRIANÇAS, EDUCAÇÃO E TIC.....	13
3. A ESCOLA NO CONTEXTO DA CULTURA DIGITAL	20
4. A MÍDIA EDUCAÇÃO	23
5. USO DE TIC PELOS PROFESSORES NA ESCOLA	25
6. O COLÉGIO DE APLICAÇÃO (CA) NO PROJETO CONEXÃO ESCOLA-MUNDO..	29
6.1 Pesquisa com estudantes do CA.....	32
6.2 Pesquisa com professores do CA.....	35
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	42

INTRODUÇÃO

*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar
as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.*

Paulo Freire

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo apresentar um estudo acerca do papel da escola e dos professores no contexto midiático atual e refletir sobre os desafios desta, na preparação e inserção dos estudantes neste universo. Para tanto, procedeu-se pesquisa bibliográfica para compreender conceitos e realizar uma inserção no debate do campo de estudos da educação e comunicação. Além de realizar uma fundamentação teórica na mídia-educação, foi feita uma leitura aprofundada de dados estatísticos sobre a presença das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no cotidiano das pessoas, sobretudo, crianças e jovens, através de dados da pesquisa TIC Kids Online e TIC Educação, realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br). Também nos dedicamos ao tema a partir da aproximação com uma experiência real de intervenção mídia-educativa em uma escola de Florianópolis, referente ao Projeto Conexão Escola-Mundo que acontece desde 2018 no Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este TCC apresenta uma reflexão crítica sobre a mídia-educação, baseada em estudo. Teoria, dados e experiência prática, é o que se apresenta neste TCC.

Ele é fruto de uma trajetória no curso de graduação em Pedagogia, que se iniciou no mesmo ano em que meu filho frequentou o primeiro ano do Ensino Fundamental I e terminou quando ele estava no quinto ano, assim pude acompanhar todo processo de alfabetização, métodos de ensino e como ele se apropriava do conhecimento compartilhado na instituição. Surpreendi-me quando, já no quarto ano, ele falou que gostava da professora, pois ela era, na linguagem dele, “moderninha”. Ele me disse que ela usava termos como: “tilt”, “bugou” e ainda falava sobre Pokémon.

Assim como eu, acredito que muitas pessoas pensavam o termo “tecnologias na educação” como ferramentas ou meios de deixar as aulas menos entediantes, mais atrativas e divertidas. Porém, bastou uma conversa com a professora e algumas leituras para perceber que é muito mais que saber ligar/funcionar os aparelhos e fazer parte das redes sociais que estão em alta, o termo Tecnologias da Informação e Comunicação não diz respeito somente ao

acesso, refere-se ao empoderamento, poder fazer uso crítico e criativo das mídias transformando a si e ao mundo ao seu redor.

Assim, o interesse pelo tema da pesquisa ficou mais evidente na disciplina Educação e Infância VIII – Exercício da Docência nos Anos Iniciais (MEN7108), durante o estágio obrigatório, quando me questionei o porquê das aulas serem centradas no livro didático. Nos três meses de observação e participação não presenciamos nenhum outro recurso didático e metodológico além do livro e algumas folhas de Xerox. Num dado momento, no exercício da docência, apresentamos às crianças uma pesquisa feita no editor de apresentação, que foi projetada em sala de aula para as crianças assistirem e para nossa surpresa, estas ficaram em êxtase com as imagens.

Apesar de ter passado alguns anos (uns trinta) desde que frequentei o ensino fundamental, essa semana recordei da disciplina de História, da qual, tenho lembranças negativas, de uma época em que a professora nos fazia copiar quadros e mais quadros de conteúdo, para depois decorarmos e fazermos uma avaliação escrita. E eu só me lembrei porque meu filho quis mostrar um vídeo no *YouTube* em que falava e mostrava o que ele estava aprendendo na mesma disciplina, e acrescentou que tudo que ela, a professora, explica em sala, passa um vídeo para que a turma compreenda melhor. Logo pensei, que bom seria se todos os professores pudessem, em suas aulas, fazer uso de múltiplas formas de mídia (música, vídeo, internet, anúncios, etc.) no processo educativo. Não se trata somente da introdução de novos meios, mas, sim, uma mudança na escola, relacionada com um processo de conscientização e transformação que vai além das habilidades com os aparelhos, cuja transição traga implícita, uma visão de mundo, de homem, de ciência e de educação. A abordagem de uma apropriação crítica das mídias para uma formação, também crítica, dos sujeitos.

Ao longo do trabalho, percebe-se que a inclusão digital não fica somente na vivência da criança ou do adolescente estudante na escola, ela transcende e se amplia para a vida familiar e social, onde as TIC vão se tornando cada vez mais presentes, mais indispensáveis. Pude, assim, através da pesquisa, perceber a complexidade da integração das mídias na educação, pois não basta que o professor as conheça e saiba usar, ele precisa integrá-la no auxílio ao aprendizado e na formação do aluno, na sala de aula e para além dela. Eis o grande desafio, que este TCC visou se dedicar.

1. AS TECNOLOGIAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

As tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana. Na verdade, foi a engenhosidade humana, em todos os tempos, que deu origem às mais diferenciadas tecnologias. O uso do raciocínio tem garantido ao homem um processo crescente de inovações. Os conhecimentos daí derivados, quando colocados em prática, dão origem a diferentes equipamentos, instrumentos, recursos, produtos, processos, ferramentas, enfim, a tecnologias (KENSKI, 2008a, p. 15).

Sabe-se que a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC) está cada dia mais presente no contexto social, pessoal, profissional e acadêmico dos indivíduos. As TIC podem servir de meio para se ampliar os saberes e para criar novas formas de aprender e ensinar. A tecnologia é uma linguagem na qual necessitamos aprender seus códigos, para não sermos reféns de uma linguagem que não dominamos. Todavia, o acesso às TIC é importante para todos os indivíduos, tendo em vista que se trata de bens da humanidade que tomaram dimensões socioculturais de extrema relevância nos tempos atuais. O sentido de aprender a linguagem tecnológica é de utilizá-la para criar, assim como aprendemos o alfabeto para escrever/ler.

As Tecnologias de Informação e Comunicação exercem um papel cada vez mais importante na forma de nos comunicarmos, aprendermos e vivermos. As TIC invadiram nossas vidas, fazem parte dos eletrodomésticos em nossas casas, são responsáveis por transformar nossas atividades de trabalho em funções práticas, ao passo que podemos fazer compras pela internet e até mesmo realizar transações bancárias sem a necessidade de nos locomovermos até uma agência.

De acordo com Lapa:

a maneira como utilizamos cada ferramenta para realizar determinada ação é definida como **técnica** e refere-se ao jeito ou habilidade especial de lidar com cada tipo de tecnologia. Em cada época, destinamos novos usos às ferramentas e às técnicas e esse conjunto é o que define a tecnologia (2014, p. 13, grifos da autora).

Então podemos ver que desde a pré-história o homem já convive com a tecnologia, onde o advento da roda foi de grande importância na época. Sendo assim, percebe-se que os insumos tecnológicos, elementos essenciais para a produção de um determinado produto ou serviço, não são exclusividade dos tempos atuais. O homem vem desde os primórdios elaborando técnicas, instrumentos e máquinas que auxiliam no seu cotidiano. Podemos definir tecnologia como “o conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade” (KENSKI, 2003 apud LAPA, 2014, p. 18).

Algumas tecnologias foram de suma importância para a humanidade como, por exemplo, o vapor na navegação, a energia elétrica nas indústrias, o próprio automóvel e os meios de transporte. Como podemos perceber, até pequenos instrumentos do dia a dia “a faca,

o lápis, o sabonete, o telefone, o computador seriam exemplos de tecnologias criadas pelo homem” (LAPA, 2014, p. 13), ou seja, é quase impossível não termos contato com as tecnologias no mundo atual.

A partir do século XXI e com o surgimento de dois importantes fatores que são a internet e a globalização, viu-se que mesmo que a educação resista à entrada de TIC nos processos formais, fica cada vez mais difícil ficar alheio à sua influência. Pois após a revolução da web junto com o processo mundial de globalização, as mudanças ocorrem muito rapidamente havendo uma busca incessante por informação.

Conforme Lapa (2014, p. 17):

hoje já não basta que uma pessoa estude e adquira uma competência no ensino formal, isso já não será garantia de emprego, muito menos no futuro. Se anteriormente o bom trabalhador era aquele que conhecia mais conteúdos, hoje esta situação mudou: mais importante é saber onde buscar a informação, como usá-la para resolver problemas, relacionar conhecimentos, trabalhar cooperativamente.

A forma como o sistema educacional incorpora as TIC afeta diretamente a diminuição da exclusão digital existente no país, como afirma Buckingham (2012, p. 51), “em colaboração com outras instituições públicas, a escola existe, em parte, para proporcionar aos jovens experiências sociais, intelectuais e culturais que eles não teriam sem ela”

A juventude está crescendo em um mundo mediado pelas tecnologias, assim, “é agora, mais do que nunca, que as crianças precisam aprender a questionar criticamente as mensagens que as cercam e usar a grande variedade de ferramentas disponíveis para expressar suas ideias e exercer plena participação na sociedade” (KELLNER; SHARE, 2008, p. 688).

Visto isso, fica evidente que a educação formal tem que estar intimamente ligada às TIC, é a tecnologia aliada à educação no processo de ensino-aprendizagem. De fato, vivemos em uma sociedade cuja tecnologia avança continuamente, não sendo possível retroceder ou desprezar o potencial pedagógico que as tecnologias e mídias digitais apresentam quando incorporadas à educação.

Para tal, tem que ser uma atualização quase que diária, pois a velocidade da informação é muito rápida, bem como não adianta ter uma infinidade de informações se você não tem a habilidade conciliada com a teoria para fazer o perfeito entendimento e tratamento da mesma.

Condizente com Lapa (2014, p. 17)

Hoje, ao fazerem uma pesquisa escolar, as crianças não precisam mais se limitar à consulta de enciclopédias nas bibliotecas. Através de um computador conectado à internet, as crianças já têm um acesso quase ilimitado à informação, que chega à sala de aula fora do controle do professor. A pergunta passa a ser o que fazer com toda essa informação...

Em função disso, apesar de não estar trabalhando, exercendo a profissão em sala de aula, tive no estágio e tenho em casa exemplos diários dessa invasão de informações que chegam através das mídias eletrônicas. Ressalta aos olhos que “a infância contemporânea está permeada, em alguns sentidos até definida, pela mídia moderna” [...] (BUCKINGHAM, 2010, p. 42). As crianças e adolescentes trazem para dentro da sala de aula diariamente assuntos que viram na web, na TV ou até mesmo ouviram na rádio a caminho da escola. Conseqüentemente, o professor pode conduzir sua aula partindo do interesse das crianças, das suas vivências, para ensinar.

Contudo, podemos perceber que a TIC é uma grande aliada na educação. O professor, então, tem que estar cada vez mais preparado, conhecer a mídia e trazê-la para a prática pedagógica, pois as nossas crianças e jovens nasceram e cresceram com as tecnologias digitais, fazem parte dessa era tecnológica, por isso essa facilidade em lidar com as tecnologias. Todavia, “para a transformação das informações em conhecimentos é preciso um trabalho processual de interação, reflexão, discussão, crítica e ponderações que são mais conduzidos, quando partilhado com outras pessoas” (KENSKI, 2008b, p. 12). Como dizia Paulo Freire (2002, p. 12), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” e temos muito que aprender com nossas crianças e adolescentes.

Entretanto, para se obter impactos significativos na aprendizagem dos estudantes, além dos professores integrarem em sua prática pedagógica o uso das TIC, se requer certas condições escolares para a integração nas instituições educativas. Tais como: estrutura física, o tempo de utilização, a conectividade e a qualidade de recursos tecnológicos. Havendo vontade política e uma proposta pedagógica consistente, as mídias são para a educação um potencial pedagógico e revolucionário (BELLONI, 2013).

Portanto, importa reconhecer como as TIC estão presentes na vida das crianças e jovens e como a educação poderia integrá-las de forma construtiva.

2. CRIANÇAS, EDUCAÇÃO E TIC

Um rápido passeio pelas estatísticas mostram que a sociedade brasileira se apropria das novas TIC de modo intenso e acelerado. O computador conectado e o celular individual passam a fazer parte da vida e transformam o cotidiano de todos. De todos, menos da escola, onde continua a dominar a palavra escrita e a do mestre (BELLONI, 2013, p.51).

Como vimos antes, estamos vivendo em um tempo de transformações rápidas, momento da história da evolução humana, no qual testemunhamos uma forma diferente de sociedade, novas formas de interagir, comunicar, informar, educar. O acesso às tecnologias acrescentou novas dimensões para a sociedade e estão enraizadas em nosso cotidiano. A vida é transformada pelo contexto digital da nossa cultura, mesmo para aqueles que resistem.

As TIC são responsáveis por toda comunicação gerada através das mídias, sejam elas televisivas ou virtuais. Hoje temos a tecnologia na palma da mão, podemos ouvir músicas, tirar fotografias, jogar, enviar mensagens, fazer ligações, videoconferências, nos localizarmos geograficamente através do GPS, temos agenda, relógio, despertador e os recursos vão evoluindo cada vez mais. “As novas tecnologias de informação e comunicação contribuem para esse cenário, pois favorecem as interações na medida em que viabilizam oportunidades de comunicação entre pessoas dispersas geograficamente” (KENSKI, 2008b, p.21). São novas possibilidades de aprendizagem, em que o espaço físico da escola, deixa de ser o espaço exclusivo para a construção do conhecimento e preparação do cidadão para a vida.

Por essa razão, podemos afirmar que uma primeira conquista das mídias digitais na educação seria a ampliação do acesso ao conhecimento. Através da Internet, as pessoas hoje conseguem facilmente encontrar informação sobre qualquer conteúdo que queiram. Apesar de não saberem com certeza se é uma informação segura ou não. Então, é importante ter uma educação para as mídias, para a criança poder aprender sobre elas como conteúdo: que mensagens são transmitidas pelas mídias, como consegue convencer as pessoas, a quem servem.

Contudo, um desafio que as mídias trazem para a educação é aliar as novas tecnologias às metodologias utilizadas em sala de aula como forma de melhorar os processos de ensino-aprendizagem, fazendo com que essas novas tecnologias sejam vistas como mais uma ferramenta de auxílio nesse processo de construção do conhecimento. Evitando assim, o risco de apenas digitalizarmos processos tradicionais da educação, simplesmente substituindo a lousa pela lousa digital, o livro impresso pelo livro digital ou mesmo, uma aula convencional por uma videoaula. Esta seria uma formação com as mídias, que trata da incorporação delas aos processos educacionais como ferramenta pedagógica.

Segundo Buckingham (2010, p. 40)

A grande maioria dos professores ignorou esses dispositivos em aparência revolucionários: após grandes investimentos (e nalguns casos), um período de fascínio inicial, os projetores e os monitores de televisão foram, em geral, consignados ao armário da sala de aula ou deixados só para juntar pó.

Falamos, portanto, de duas dimensões da integração das mídias à educação: como conteúdo e como ferramenta. Para que ela aconteça de forma a articular as duas dimensões, o uso das mídias no processo ensino-aprendizagem teria que acontecer de forma integradora, articulada e autoral, atualizando as linguagens, integrando mídias e tecnologias e renovando as estratégias didáticas. De acordo com Lapa, “surge a necessidade de se fazer um salto qualitativo nos contextos de educação com mídias, passando de uma educação que se realiza por meio das TIC para uma educação que integre efetivamente estas tecnologias e suas produções como espaços de formação do sujeito” (LAPA, 2013, p. 23).

De fato, o que conecta os professores a essa realidade, é compreender quem são essas crianças e adolescentes, o que eles esperam da escola, da educação formal. E nessa tentativa de aumentar a capacidade de diálogo, a tecnologia serve como uma linguagem de aproximação entre dois mundos aparentemente distantes. “Os alunos e os jovens são geralmente mais preparados, conhecedores e imersos na cultura midiática do que seus professores e podem contribuir com seu processo educativo, compartilhando suas ideias e insights” (KELLNER; SHARE, 2008, p. 705). Assim, os docentes não somente possuem o conhecimento disciplinar, mas conhecem a forma como seus estudantes aprendem com o uso das TIC de modo considerável.

O papel do educador continua tão importante quanto em outras épocas, só que agora, mais do que nunca, precisa instigar seus alunos a se aprofundarem no conhecimento e a fazer conexões, transformando essa rede de informações em conhecimentos significativos. Por isso a importância de conhecer novos modos de aprender com as TIC para ensinar as novas gerações de nativos digitais (BELLONI, 2013).

Deste modo, é fundamental valorizar a tecnologia como instrumento de aprendizagem transformando essa rede de informações em conhecimento relevante, “a educação midiática deve ser relacionada à educação para a democracia, na qual se estimula os alunos a serem participantes informados e letrados midiáticos em suas sociedades” (KELLNER; SHARE, 2008, p.709).

Na atualidade, a escola se vê diante das mudanças nos hábitos de leitura e escrita de seus alunos provocados pela utilização cada vez maior de recursos digitais. O modo de ler mudou, o livro foi quem impulsionou a educação, formou cidadãos cultos, mas não tem mais a centralidade simbólica que tinha, atualmente, todas as máquinas de informação envolvem

leitura. Temos hoje, outras formas de ler o mundo, hoje se lê clipes, cartazes, quadros, fragmentariamente a internet.

[...] considerando que entramos na era da imagem e do meio virtual multimidiático e hipertextual sem ter sequer universalizado o domínio do alfabeto e sem ter democratizado o acesso à mídia impressa. Ou seja, as mudanças tecnológicas e culturais nos alcançaram sem que tivéssemos consolidado razoavelmente a cultura do livro e da linguagem escrita (FARACO, 2012, p. 84).

Por essa razão, torna-se urgente conhecer como está a imersão de crianças e jovens na cultura digital. Em 2017, segundo pesquisa do TIC Kids Online, levantamento realizado também pelo Cetic.br desde 2012, oito em cada dez crianças e adolescentes de 9 a 17 anos (82%) eram usuários de Internet no Brasil. Entre estes, 91% acessaram a rede pelo telefone celular. Esses dados referendam o que Martín-Barbero (2014, p.133) disse: “é nesse novo espaço comunicacional, já não mais tecido de encontros e multidões, mas de conexões, fluxos e redes, onde emergem novas “formas de estar juntos”, [...] a cidade virtual não mais requer corpos reunidos, mas interconectados”.

O TIC Kids Online Brasil, apresenta uma série histórica de pesquisas que permitem verificar as tendências de utilização da internet por crianças e adolescentes, as estratégias de mediação por pais e responsáveis, além da exposição de crianças a conteúdos mercadológicos e conteúdos violentos na rede. Essas pesquisas também apontam a distribuição regional e socioeconômica, a escolarização dos pais ou responsáveis, entre outros dados. E toda essa informação pode ser usada pelos professores e gestores educacionais para conhecerem quem são esses jovens que estão frequentando hoje a sala de aula, dos quais não podemos ignorar a diversidade e as desigualdades nas experiências dos jovens.

Destacamos alguns gráficos da pesquisa, que apontam a frequência com que crianças e adolescentes usam a internet.

Gráfico 1 – Crianças e adolescentes (%) que acessaram a internet nos últimos três meses, por área, sexo, região, escolaridade dos pais ou responsáveis, faixa etária e classe social (2017)



Fonte: TICKids Online Brasil – 2017

Esse levantamento aponta a desigualdade socioeconômica como um entrave para a inclusão digital. No Brasil, enquanto 98% dos jovens da classe AB são usuários de internet e 93% da classe C, apenas 70% das crianças e adolescentes da classe DE têm acesso à rede. Neste sentido, os resultados também indicam para disparidades regionais no acesso. Em 2017, nas áreas urbanas, 90% das crianças e adolescentes estavam conectadas, contra 63% nas áreas rurais. Nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, 93% dos jovens declararam serem usuários de internet e no Norte, apenas 68%. Também podem ser observadas diferenças importantes quanto ao uso de Internet de acordo com a faixa etária de crianças e adolescentes. Enquanto 74% dos indivíduos de 9 a 10 anos de idade eram considerados usuários da rede, essa proporção chega a 93% na faixa etária de 15 a 17 anos. Por fim, não foram identificadas disparidades relevantes entre meninos (85%) e meninas (86%) no acesso à rede.

Diante deste cenário, é importante resgatar o papel da educação, que segundo Buckingham (2012) destaca, as escolas deveriam desempenhar um papel fundamental na tentativa de nivelar as desigualdades de participação, careceriam intervir na realidade da criança, sendo a escola um vetor de mudança social. Conseqüentemente, identificando essas barreiras e buscando alternativas para superá-las, fazendo da escola um espaço de formação que todos nela atuam.

Para Lapa (2013, p.37) “se os indivíduos forem sujeitos em ação e tiverem as condições de se apropriarem criticamente dos recursos tecnológicos, estes poderão orientá-lo para seus próprios objetivos, que podem ser mais humanos e sociais, e, assim, promover a sua emancipação”. É possível pensar uma educação para um mundo compartilhado e não individualista, na qual a escola ensine a trabalhar em cooperação com os demais, a construir o conhecimento de uma maneira coletiva, em que os estudantes possam aprender uns com os outros. A escola é o local, por excelência, desencadeador de novas aprendizagens.

Todavia, “a urgência em integrar as TIC às práticas educacionais também se dá por elas já estarem integradas ao cotidiano dos alunos (crianças, adolescentes e adultos) e, nesse sentido, a escola acumulou atrasos que é preciso recuperar” (BELLONI, 2010 apud LAPA, 2014, p.23).

Segundo Moran (2017b, p.1):

as tecnologias digitais hoje são muitas, acessíveis, instantâneas e podem ser utilizadas para aprender em qualquer lugar, tempo e de múltiplas formas. O que faz a diferença não são os aplicativos, mas estarem nas mãos de educadores, gestores (e estudantes) com uma mente aberta e criativa, capaz de encantar, de fazer sonhar, de inspirar. Professores interessantes desenham atividades interessantes, gravam vídeos atraentes. Professores afetivos conseguem comunicar-se de forma acolhedora com seus estudantes através de qualquer aplicativo, plataforma ou rede social.

Com a ampla difusão das redes digitais de comunicação entre os jovens, é fundamental aprofundar o conhecimento sobre as implicações da participação desse público on-line, em que a escola deve e precisa se ocupar de olhar dentro desse contexto. A escola tem, nos recursos audiovisuais e midiáticos, múltiplas formas de interpretações, onde esses recursos podem ser compreendidos como objetos transformadores, sejam através das relações sociais, individuais ou globais. As tecnologias aproximam a educação do universo dos alunos do sec. XXI e também ajuda a prepará-los para a vida presente e futura, cada vez mais mediada pelos recursos tecnológicos.

Na era da informação, a formação da criança e do adolescente para que conviva bem com as formas de comunicação é um componente indispensável para a emancipação do sujeito, “a alfabetização crítica da mídia deve ser um fio comum que passe por todas as áreas curriculares, uma vez que se refere a comunicação e à sociedade” (KELLNER; SHARE, 2008, p.709).

Segundo Buckingham (2012), uma proporção muito pequena dos jovens gera conteúdos originais usando as mídias, a grande maioria apenas consome informações. Nesse contexto, há um papel fundamental nas escolas, pois podem nivelar as desigualdades de participação, fazendo com que estes sujeitos sejam participantes críticos, que têm entendimento amplo das dimensões econômicas, sociais e culturais da mídia. Isso permitiria que se conhecessem como sujeitos fazedores da sua história e da sua cultura.

Reforçando o pensamento com Jenkins (2006, apud KELLNER; SHARE, 2008, p. 695), “precisamos reavaliar os objetivos da educação midiática, para que os jovens possam se ver como produtores culturais e participantes, e não simplesmente como consumidores, críticos ou não”.

A esse respeito,

somente a escola pode – teórica e praticamente – conceber e executar esta tarefa fundamental de educação para a mídia. Como depositária do espírito crítico, responsável pela elaboração das aprendizagens e pela coerência da informação, a escola detém a legitimidade cultural e as condições práticas de ensinar a lucidez às novas gerações. Diante dos desafios da técnica, e da mídia em particular, a escola deve se adaptar e se abrir para o mundo, integrando em seu ensino as novas linguagens e os novos modos de expressão. (BELLONI, 2013, p.45-46).

Pelas razões expostas até agora é possível afirmar que a mídia-educação deve entrar na escola como condutora de transformação. Nesse esforço, o letramento digital é uma demanda natural da utilização frequente dessas tecnologias, em que, conforme Buckingham (2012) enfatiza, o conhecimento da mídia envolve tanto escrever quanto ler a mesma mídia, ou seja, é preciso ser capaz de avaliar e usar a informação de forma crítica se quiser transformá-la em conhecimento, é preciso dominar a linguagem, para não ser dominado por ela e, assim,

compreender que a aprendizagem/conhecimento não é algo estático, mas algo que deve acontecer ao longo de toda a vida.

Com tecnologia se consegue ampliar o acesso dos alunos ao conhecimento, eles passam a desfrutar de recursos de qualidade, videoaulas, games, plataformas. Na era da tecnologia digital, o papel do educador ainda é direcionar o indivíduo para desenvolver todo seu potencial, cuidando sempre para que as tecnologias não assumam um papel decorativo nas salas de aula, “precisamos também treinar professores na pedagogia crítica e dar-lhes poder para usar sua criatividade mais do que o prescrito no currículo” (KELLNER; SHARE, 2008, p. 708).

As tecnologias necessitariam estar presentes no cotidiano das disciplinas, mas como fazer isso em sala se os alunos conhecem os recursos melhor do que os professores? É o que salienta Buckingham (2010, p.44) quando afirma que: “os alunos com internet em casa têm a tendência, como usuários dessa tecnologia, de desenvolver um forte senso de autonomia e autoridade, e é exatamente isso que lhes é negado na escola [...] Em comparação com as complexas experiências multimídia que algumas crianças têm fora da escola, muitas das atividades em sala de aula parecem desestimulantes”

Professores podem aprender com os alunos, não os imitando ou repetindo o que eles fazem, mas sim, professores e alunos aprenderem juntos para superarem essa utilização passiva. Consequentemente, descobrirem como interferir de forma criativa para produzir conhecimentos novos a partir dessa linguagem com ênfase no processo de aprendizagem, não apenas no produto final.

Contudo, para que o letramento digital seja possível, é preciso que os professores busquem qualificação permanente, busquem conhecer as características das novas gerações, dos processos cognitivos de aprendizagem e das novas tecnologias, para enfrentar os desafios que lhes são apresentados a cada dia. Professor não nasce professor, ele se torna professor pela prática. Portanto, se ele não domina o conhecimento do recurso técnico, ele pode aprender fazendo. A tecnologia não o substitui, ao contrário, o empodera. E, assim, como um mediador da aprendizagem, ter a clareza das produções possíveis a partir dos novos modos de linguagem e de sensibilidades constituídos pela desterritorialização dos saberes e fazer do ambiente escolar o espaço decisivo a novas formas de conhecimento. Deste modo,

os professores podem ajudar os alunos incentivando-os a saber perguntar, a focar questões importantes, a ter critérios na escolha de sites, de avaliação de páginas, a comparar textos com visões diferentes. Os professores podem focar mais a pesquisa do que dar respostas prontas. Podem propor temas interessantes e caminhar dos níveis mais simples de investigação para os mais complexos; das páginas mais coloridas e estimulantes para as mais abstratas; dos vídeos e narrativas impactantes para os contextos mais abrangentes e assim ajudar a desenvolver um pensamento

arborescente, com rupturas sucessivas e uma reorganização semântica contínua. (MORAN, 2014, p.36)

Assim, a sala de aula se transforma em um espaço de pesquisa, experimentação, produção, apresentação, debate, síntese. Finalizo este capítulo com Buckingham (2010, p.49) quando ele enfatiza que “o indivíduo letrado é aquele que faz buscas eficientes, que compara uma série de fontes e separa os documentos confiáveis dos não confiáveis e os relevantes dos irrelevantes”.

Mas, como as TIC estão presentes nas escolas brasileiras?

3. A ESCOLA NO CONTEXTO DA CULTURA DIGITAL

O primeiro passo e o mais importante é o da mudança mental, da mudança cultural, mostrando que estas novas formas de aprender fazem mais sentido, que os alunos se engajam mais e obtém melhores resultados. O trabalho de sensibilização com exemplos concretos é fundamental (MORAN, 2017a, p. 1).

Apesar de todo o discurso feito anteriormente, a tecnologia tem sido deixada à margem da prática pelos professores. Pesquisas apontam que os professores são céticos em relação aos benefícios educacionais da tecnologia e que o investimento em tecnologia nem sempre resulta em formas novas e criativas de aprendizagem, nem mesmo em progressos nos resultados das provas. Por isso Buckingham (2010, p.41) alerta que:

os defensores da tecnologia sempre têm estado prontos para acusar os professores, argumentando que eles são ultrapassados ou devagar na adaptação, ou ainda, sentem-se excessivamente ameaçados por tais desafios em aparência fundamentais para sua autoridade.

Entende-se que as mídias chegaram e mudaram muitas formas de ver e pensar o mundo, o audiovisual não é só manipulação e alienação, por isso, Martín-Barbero (2003) defende que uma junção escola e tecnologia além de deixarem as aulas menos entediadas diante da sua anacronia, passividade e uniformidade, traz pra si uma diversidade, curiosidade e atualidade que esses meios proporcionam às crianças e jovens, “uma vez que mídia-educação significa antes de mais nada falar a linguagem dos alunos, usar meios de comunicação para criar condições ótimas de ensino e priorizar a comunicação sobre os padrões escolares” (BELLONI, 2013, p. 33).

Devemos aprender com os jovens que nasceram após a revolução eletrônica, diferente de nós, a forma de dar o primeiro passo para construir uma cultura na qual o passado seja útil e não impositor (MARTÍN-BARBERO, 2003).

A internet tem que estar presente na escola de forma crítica, a escola não pode simplesmente repetir o que o aluno já sabe ou entregar algo pronto. Pois, “sem a pedagogia crítica e os estudos culturais, a alfabetização midiática corre o risco de se tornar apenas mais um manual de ideias convencionais para a função de reprodução social da educação” (KELLNER; SHARE, 2008, p.702).

Para Martín-Barbero (2003), a escola resiste em negar o descentramento do livro, ela é, senão, um modelo mecânico que se propaga em uma única direção. Professores detêm o saber de uma leitura que admite somente uma interpretação, os alunos não questionam o que está escrito, não há na escola, outro significado à leitura que não somente um eco puro dos alunos ao som do que sai da boca do professor. “Quem dera o livro fosse na escola um meio de reflexão e de argumentação e não de leituras canônicas e de repetições estéreis” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 342).

A escola orienta seus alunos para irem além de uma simples leitura, se superarem no que diz respeito ao uso da mídia, saber diferenciar uma fonte confiável de informação no meio de tantas informações falsas que circulam.

As tecnologias de comunicação não substituem o professor, mas modificam algumas das suas funções. A tarefa de passar informações pode ser deixada aos bancos de dados, livros, vídeos, programas em CD. O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante. Num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados pelos alunos. Depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os resultados, os adapta à realidade dos alunos, questiona os dados apresentados. Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria - o conhecimento com ética (MORAN, 2009, p. 25).

As instituições de ensino exigem que os jovens separem o corpo de suas sensibilidades, pois ele e suas emoções desestabilizam a autoridade do professor que, para as escolas, ainda é quem possui o saber, a autoridade no conhecimento. Quando os alunos interagem mais, fogem aos padrões tradicionais de educação, padrões esses que entendem o aluno apenas como sujeito passivo da sua própria formação.

É com esse sujeito que a educação tem que lidar hoje: um adolescente cuja experiência da relação social passa cada dia mais por sua sensibilidade, seu corpo, já que é através deles que os jovens – que em sua maioria conversam muito pouco com os pais – estão dizendo muitas coisas aos adultos por meio de outros idiomas: os dos rituais de se vestir, tatuar e se enfeitar, ou de emagrecer conforme os modelos de corpo que lhes propõe a sociedade através da moda e da publicidade (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.131).

Fazer apenas o que pede o professor acaba não deixando o aluno se manifestar e se comunicar como indivíduo dentro dos espaços escolares. Nesse segmento, qualquer outro ensinamento é sentido pelo sistema escolar como um atentado à sua autoridade.

Então, devolver aos jovens espaços nos quais possam se manifestar estimulando práticas de cidadania é o único modo pelo qual uma instituição educativa, cada vez mais pobre em recursos simbólicos e econômicos, pode reconstruir sua capacidade de socialização (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.120).

A mudança na educação, não está na substituição do educador, mas sim na possibilidade de uso dos novos meios, que seu papel em sala de aula se potencialize e deixe de ser um mero retransmissor de saberes para se converter em um “formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências, e memória viva de uma educação que, em lugar de aferrar-se ao passado, destaca e possibilita o diálogo entre culturas e gerações” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.253-254).

Já para Belloni (2013, p. 53), na direção de superar o modelo tradicional, é preciso que a escola seja um ator mais efetivo e sintonizado com o seu tempo e sua função de formação das novas gerações, isso implica em:

- Levar para dentro da sala de aula as mídias e suas mensagens;
- Considerá-las como fatores de integração escolar e curricular;
- Provocar interação entre disciplinas e metodologias, entre alunos e professores;
- Estimular a motivação e o interesse dos alunos;
- Desafiar os professores a se apropriarem dessas novas ferramentas.

Porque “uma formação para a reflexão, criação e expressão em todas as linguagens e usando todos os meios técnicos disponíveis deveria ser um objetivo de qualquer sistema de ensino” (LAPA, 2014, p.24).

Para sintetizar o paradoxo que os jovens estão enfrentando Hopenhayn, retrata:

estamos diante de uma juventude que goza de mais acesso à educação e à informação, mas de muito menos acesso ao emprego e ao poder; dotada de maior aptidão para a mudança produtiva, acaba, entretanto, a mais excluída desta; com um maior acesso ao consumo simbólico, mas com uma forte restrição ao consumo material; com um grande sentido de protagonismo e autodeterminação, enquanto a vida da maioria se desenrola na precariedade e na desmobilização; no fim, uma juventude mais objeto de políticas do que sujeito-ator de mudanças.(HOPENHAYN, 2004, apud MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 136-137)

A juventude pode ser tomada, portanto, como uma etapa essencial na formação da identidade dos sujeitos, pois é nela que o indivíduo tem que decidir que rumo tomar na sua vida e paralelamente buscar o reconhecimento nos outros.

Seguramente, estamos tratando de determinada concepção de educação e de educação com mídias. A integração das TIC na educação é orientada pela abordagem que gestores e professores fazem, o que nos leva a buscar uma perspectiva crítica deste tema, como a da mídia-educação que apresentaremos a seguir.

4. A MÍDIA EDUCAÇÃO

[...] a reflexão sobre a mídia-educação evolui e chegamos a alguns consensos, incorporando novos conceitos como inclusão digital: mídia-educação inclui inclusão digital, mas vai muito além, pois tem como objetivo a interpretação crítica que supera a simples leitura e permite a expressão e a criatividade (BELLONI, 2013, p. 52).

Diante do contexto que foi apresentado antes, entendemos o importante papel da educação, e em especial da escola, ambas encarregadas da função de alfabetizar para as mídias. Segundo Belloni (2013, p. 31), “neste início de século, a mídia educação faz parte do conjunto de competências a que as crianças e os adolescentes têm direito, sendo indispensável, como o letramento, à formação do cidadão.”

Como explica Fantin (2011, p. 28),

apesar das mediações culturais ocorrerem de qualquer maneira, as mediações pedagógicas visam capacitar crianças e professores para uma recepção ativa e uma produção responsável que auxilie na construção de uma atitude mais crítica em relação ao que assistem, acessam, interagem, produzem e compartilham, visto que a precariedade da reflexão sobre linguagens, conteúdos, meios e interesses econômicos, impede uma compreensão mais rica.

Por essa razão, compreendemos que a escola é o espaço principal onde é possível proporcionar a mídia-educação, desde formar para um olhar crítico sobre o que é veiculado nos meios até o letramento digital, quando os alunos se expressam, sem dificuldades, pelas e com as mídias. Para isso, é necessário que as tecnologias existentes nas escolas não sirvam apenas de decoração nas salas e, sim, permitam que a população historicamente excluída possa, diante de novos processos, práticas, metodologias, transformar informação em conhecimento e superar o seu lugar de desigualdade social. Segundo Fantin (2011, p.28):

[...] parece que os objetivos da educação para as mídias se aproximam e dizem respeito à formação de um usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de comunicação e informação e de todas as mídias. A mídia-educação é uma condição de educação para a “cidadania instrumental e de pertencimento”, para a democratização de oportunidades educacionais e para o acesso e produção de saber, o que contribui para a redução das desigualdades sociais.

Kellner e Share (2008, p. 703) destacam a contribuição de Luke e Freebody (1999) que defendem que a efetiva alfabetização digital requer quatro papéis básicos que permitam que os aprendizes:

- a) Decifrem o código;
- b) Participem da compreensão e da estruturação;
- c) Usem os textos funcionalmente;
- d) Analisem e transformem textos, agindo com o conhecimento de que um texto nunca é ideologicamente natural ou neutro.

Consequentemente através de uma educação plena, menos esvaziada de sentido e mais próxima da cultura dos alunos eles sejam capazes de fazer uso de uma vida com mais

protagonismo e autonomia, assumindo-se como sujeito e autor. Assim, a mídia-educação pode colaborar para mudanças significativas nas escolas.

A mídia-educação pode contribuir para fazer da escola um ponto de virada importante na transformação cultural se desenvolver uma função diferente de seu papel em relação às mídias e assumir outra disponibilidade para a cultura da comunicação, explorando formas e conteúdos que ainda são vistos apenas como entretenimento (FANTIN, 2011, p. 38).

Mas é preciso ter cuidado porque a tecnologia não vai resolver sozinha todos os problemas. É necessário mesclar atividades on-line com atividades off-line, então, o professor vai criando estratégias pedagógicas, garantindo a qualidade e a eficiência no aprendizado.

Cenários de mudança significam inclusão, ou seja, acesso de todos a todas as tecnologias, numa perspectiva crítica e criativa de uso dos objetos técnicos mais sofisticados, como meios de emancipação do ser humano e de construção da cidadania, contra a lógica industrialista do capitalismo globalizado, com base no princípio de que “ser cidadão significa estar alfabetizado em todas as linguagens” (BELLONI, 2013, p.53, grifos da autora).

O trabalho de mídia-educação independe da mídia utilizada, o que se faz necessário nesse contexto é produzir e consumir criticamente. Tudo isso, segundo Martín-Barbero (2003), não é tarefa fácil visto que ainda temos uma dívida com o passado, com os objetivos de universalização do ensino não cumpridos e ainda um grande número de analfabetos funcionais devido a deterioração na qualidade do ensino resultante em parte pela resistência de inovação dos professores que se sentem desmotivados devido a desmoralização da profissão, a deterioração salarial, a escassez de recursos, a não renovação de equipes.

Um dos desafios das escolas é fazer com que os alunos não sejam apenas usuários, mas produtores de tecnologia, pois “professores devem orientar seus alunos em um processo de questionamento que aprofunde sua exploração crítica de questões que afetem a eles e à sociedade” (KELLNER; SHARE, 1998, p.705). Aprender a transformar o que tem em mãos e não apenas se contentar como consumidores passivos de aplicativos feitos por outras pessoas, que em geral, fazem para estimular o consumo. Pois, concordando com Belloni (2013, p. 46):

é indispensável para a democracia nas sociedades contemporâneas que se realizem ações de formação de telespectadores, capacitando os indivíduos – especialmente as novas gerações – a dominarem a linguagem da mídia para não serem dominados por ela.

Apesar de compreendermos a importância da mídia-educação nas escolas, e de vários autores como os que apresentamos virem defendendo esta formação crítica de crianças e jovens, ela pouco tem acontecido nas escolas. O impasse entre as intenções e a sua realização concreta demonstra os enormes desafios para professores na realização de uma formação mídia-educativa. Quais seriam esses desafios enfrentados pelos professores?

5. USO DE TIC PELOS PROFESSORES NA ESCOLA

Os avanços tecnológicos trazem para a educação possibilidades de inovação nas práticas pedagógicas e muitos professores buscam estar atualizados e aplicar esses recursos em suas atividades docentes. Todavia, segundo Buckingham (2010, p.47):

[...] a resposta não será enfeitar os materiais de ensino com penduricalhos – dar mais vida ao currículo com um brilho superficial da cultura digital amiguinha das crianças. Nem será adotar a tecnologia digital a serviço de formas estritamente instrumentais de aprendizagem, numa tentativa de torná-la mais agradável. Embelezar os testes ou tabelas de multiplicação com um polimento do divertido é estratégia que a maioria das crianças percebe logo. É preciso um compromisso mais inteiro e mais crítico com as culturas digitais infantis.

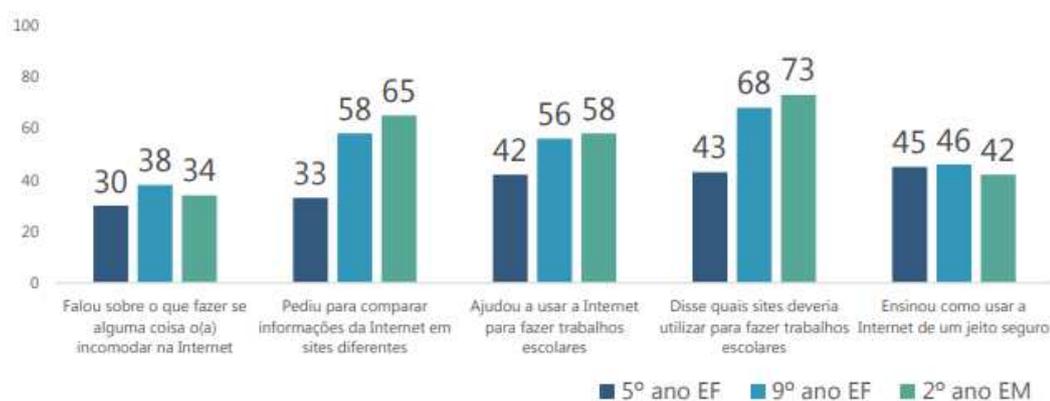
Tudo isso significa, como já mencionado anteriormente, que os artefatos mais sofisticados e os computadores ligados à internet não terão relevância se o professor não tiver uma formação crítica sobre seus usos, de modo a transformar o cotidiano escolar. Assim sendo, para que mudanças significativas no processo de aprendizagem aconteçam, as crianças precisam ir além das habilidades para a recuperação de informações, elas precisam estabelecer novas relações com o saber, serem capazes de avaliar e usar a informação, se apropriar de forma crítica se quiserem transformá-la em conhecimento (BUCKINGHAM, 2010).

Afinal de contas, o que seria fazer uso crítico das mídias? Para Buckingham (2010, p.49):

isso significa fazer perguntas sobre as fontes dessa informação, os interesses de seus produtores e as formas como ela representa o mundo, compreendendo como estes desenvolvimentos tecnológicos estão relacionados a forças sociais, políticas e econômicas mais amplas

Mas, se compararmos os gráficos seguintes, também oriundos da pesquisa do Cetic, veremos que ainda estamos muito longe do ideal para transformarmos nossos alunos em produtores autônomos e críticos. O resultado da pesquisa expressa em números o quão distantes estamos da excelência.

Gráfico 2 – Alunos, orientações recebidas dos professores para uso da internet
% de alunos de escolas urbanas



Fonte: CGI.br/NIC.br, Cetic.br, TIC Educação 2017

O gráfico acima representa as orientações que crianças e adolescentes recebem dos professores para uso da internet e como temos discutido até o presente momento. Observamos que há uma carência relevante com os estudantes, principalmente os que estudam no quinto ano, os que praticamente estão começando a vida escolar com o auxílio das TIC, de como proceder com uma pesquisa, de como identificar fontes seguras.

Gráfico 3 – Aluno, uso da internet em atividades com os alunos
% de alunos de escola urbana usuários de internet



Fonte: CGI.br/NIC.br, Cetic.br, TIC Educação 2017

O gráfico 3, demonstra que as crianças e adolescentes, fazem usos da Internet para realizarem atividades escolares, 86% dos entrevistados dizem fazer uso para pesquisas escolares e 80% dizem fazer trabalhos. Mas se voltarmos ao gráfico 2 com atenção, observamos que a maioria dos entrevistados, principalmente os estudantes do quinto ano, dizem não receber orientações, apenas 42% dos alunos receberam dos professores orientações de como usar a internet para fazer trabalhos escolares. De fato, há neste caso uma incoerência, percebe-se que as crianças fazem uso das tecnologias para a realização de tarefas escolares, porém sem uma orientação adequada do uso. Como as tecnologias vão revolucionar o ensino se os estudantes não estão tendo as mediações necessárias para essa alfabetização midiática?

As novas formas de aprender e ensinar apoiadas pelas tecnologias poderão tornar o processo de ensino-aprendizagem mais flexível, integrado, empreendedor e inovador, mas para Buckingham as escolas de hoje não se diferenciam muito das dos séculos passados, ainda há um grande abismo entre a vivência da criança dentro e fora das escolas. Apesar de as TIC poderem encurtar distâncias e ampliar o acesso à informação, como foi falado antes, parece que com as tecnologias esse abismo tende a ficar ainda maior. A exemplo disto, o autor comenta:

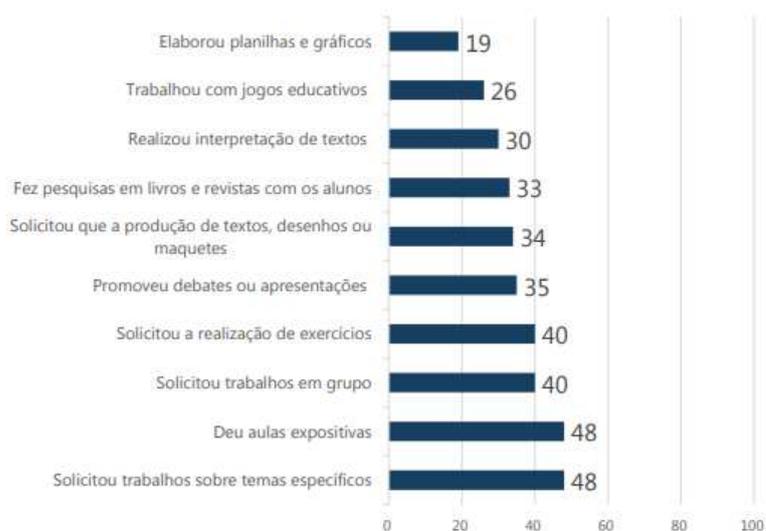
as salas de aula seriam facilmente reconhecidas pelos próprios pioneiros da educação pública do século XIX: as formas de ensino e aprendizagem são organizadas de modo similar, os tipos de habilidade e conhecimento levados em conta nas avaliações e até mesmo boa parte dos conteúdos curriculares atuais mudaram apenas de forma superficial desde aqueles tempos (BUCKINGHAM, 2010, p. 40).

Talvez por esta razão, Lapa questione a educação na cultura digital, pois:

mais do que criar um mundo multimídia para o aluno, constituindo um ambiente virtual de ensino e aprendizagem enriquecido por diversas ferramentas e recursos tecnológicos, se volte para o acompanhamento de seu processo de formação no ciberespaço. Dessa forma, os esforços do desenvolvimento de iniciativas de educação ao invés de focar na criação de um espaço educativo mais performático para o mesmo “ensino” tradicional, estarão voltados para uma metodologia capaz de fazer professores e alunos, parceiros em um momento de aprendizagem que se dá em qualquer lugar, em todo lugar, no mundo virtual e real, de espaços e tempo diversos (LAPA, 2013, p. 31).

Um outro dado interessante da pesquisa TIC Educação 2017 mostra o uso que os professores fazem da internet em atividades com os alunos.

Gráfico 4 – Professores, uso da internet em atividades com os alunos
% de professores que lecionam em escolas urbanas, usuários de internet



Fonte: CGL.br/NIC.br, Cetic.br, TIC Educação2017.

Como pode ser observado, em 2017, apesar da conectividade, poucos professores ainda utilizam a internet em seu amplo potencial pedagógico. Segundo a pesquisa representada no gráfico 4, as principais atividades feitas com apoio da rede são pesquisas escolares (48%), aulas expositivas (48%) e trabalhos em grupo (40%). Isso demonstra que a maior integração de TIC na escola, se dá para a exposição de conteúdo e trabalhos de pesquisa, pois apenas 19% dos professores usaram as TIC para produzir conteúdo e conhecimento com seus alunos.

Isso mostra que ainda há muitos desafios, que vão além da disponibilidade da tecnologia, pois muitas vezes o professor está conectado, mas não tem uma preparação

pedagógica para realizar atividades complexas junto aos alunos. Nos dias de hoje, como mencionado outras vezes, o professor precisa ter, além de habilidades técnicas, habilidades críticas. Não adianta só saber mexer nos aparelhos e utilizar de todas as ferramentas, se não tiver criticidade para ler o mundo em que vive e agir sobre ele para transformá-lo. Ghiraldelli (2007, p.13) é enfático ao dizer que “assim, um exército de professores-pedagogos é formado todos os anos em nosso país, mas não consegue desempenhar satisfatoriamente o serviço que tem pela frente”. Significa dizer que, na maioria das vezes, este sujeito não está preparado, não realizou formações específicas.

Até o momento apresentamos uma reflexão crítica sobre a integração de TIC na educação, analisando o consumo de mídias pelas crianças e jovens e a presença de TIC nas escolas brasileiras. Tal contexto traz aos professores enormes desafios na prática cotidiana com as crianças.

Durante a elaboração deste TCC, tive a oportunidade de me aproximar de um projeto de integração de TIC no ensino básico, que vem sendo realizado em uma escola pública de Florianópolis. A seguir, apresentaremos este projeto como uma ilustração destas questões tratadas no TCC em um caso real em uma escola, de modo a podermos refletir sobre o perfil de consumo e uso de TIC pelas crianças e professores em nossa própria cidade.

6. O COLÉGIO DE APLICAÇÃO (CA) NO PROJETO CONEXÃO ESCOLA-MUNDO

Neste capítulo, nos aproximaremos mais da realidade vivida nas escolas com o uso das TIC. Por meio do projeto Conexão Escola-Mundo, que conta com a participação de professores e alunos do Colégio de Aplicação da UFSC, tivemos acesso a pesquisas que mostram o uso que estes fazem das tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Pois bem, o Projeto “Conexão Escola-Mundo: espaços inovadores para formação cidadã”, conta com a colaboração de professores, pesquisadores, graduados, mestres e doutores de diversas áreas do conhecimento, e tem como coordenador o prof. Nelson Pretto da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Trata-se de um projeto com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com parcerias firmadas entre várias instituições como UFBA, UFSC, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a ONG Instituto de Desenvolvimento e Direitos Humanos (IDDH), Universidade da Região de Joinville (Univille), Universitat de Barcelona/Espanha e Universidade Roma Ter/Itália, na qual a UFSC participa através do grupo de pesquisa COMUNIC.

O projeto que iniciou em 2018, com previsão até 2020, acontece no Colégio de Aplicação (CA/UFSC), em Florianópolis, e também no Centro Estadual de Educação Profissional Isaías Alves, em Salvador e tem por objetivo:

criar e experimentar uma metodologia de intervenção na escola para a formação em direitos humanos dentro da perspectiva da educação hacker. Significa propor a elaboração coletiva de uma prática transformadora com e na escola, cujo foco seja a formação crítica de cidadãos na cultura digital dentro de um novo paradigma para a educação, centrado no diálogo, no acolhimento da diversidade, no encontro respeitoso com o outro, dentro de um ambiente de autoria, colaboração e produção coletiva: um jeito hacker de ser. A intervenção articula reflexão e ação. Acontecerá a partir da experiência prática de uma intervenção ativista para a educação em direitos humanos inspirada na filosofia hacker. Serão criados espaços tecnológicos coletivos inovadores nas escolas participantes e serão oferecidas oficinas práticas de imersão na cultura digital com temas como: cultura hacker, gêneros e diversidade, conhecimento aberto e recursos educacionais abertos, manuseio de dados educacionais, ciência de dados e midiativismo, entre outros (PRETTO *et al*, apud RAKOS, 2018).

Seguidamente, destaque para o emprego da palavra hacker, como bem argumenta Nelson Pretto (2017, p. 36-37):

quando se pensa em hacker, é comum que se pense num criminoso que age entre os zeros e uns da internet, roubando senhas e quantias em dinheiro. Entretanto, o estereótipo do vilão online não representa adequadamente os hackers. Para os vilões, foi inclusive criada a palavra cracker, para identificar esses criminosos cibernéticos, que não têm nada a ver com o jeito hacker a que aqui nos referimos. Portanto, a única forma de combater a marginalização do termo hacker é a população receber informações sobre o assunto e ser educada para não vê-los como terroristas virtuais, mas, sim, como um grupo de pessoas em busca da construção coletiva do conhecimento. [...] Para o movimento hacker, é importante sempre inovar, buscando constantemente melhorar o que foi produzido. Isso porque, para eles e para nós, os computadores podem mudar sua/nossa vida para melhor. Mas é necessário dedicar-

se ao que se faz e acreditar que é possível criar arte e beleza por meio do computador.

O Colégio de Aplicação é uma escola básica, inserida no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. É uma unidade educacional que atende ao Ensino Fundamental e Médio, funciona em prédio próprio, no Campus Universitário, localizado no Bairro da Trindade, município de Florianópolis. O Colégio de Aplicação segue a política educacional adotada pela Universidade Federal de Santa Catarina que visa atender à trilogia de Ensino, Pesquisa e Extensão. Enquanto escola experimental, o Colégio de Aplicação tem proporcionado o desenvolvimento de experiências pedagógicas e estágios supervisionados para os cursos de Licenciatura e Educação¹, segundo as exigências da Lei nº9394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB).

Conforme último Censo Escolar, do ano de 2018, realizado pelo QEDu² (portal que reúne dados do Governo Federal sobre educação básica de maneira didática e contextualizada), o Colégio de Aplicação conta com 993 estudantes matriculados de 6 a 18 anos, distribuídos entre o Ensino Fundamental: anos iniciais (1º ao 5º ano) com 361 estudantes e anos finais (6º ao 9º ano) com 323 estudantes, Ensino Médio com 255 estudantes e Educação Especial com 54 estudantes. Os alunos que ingressam no Colégio de Aplicação participam de sorteio público de vagas. Significa dizer que os mesmos provêm de diversos estratos sociais oriundos não só da comunidade do entorno, mas de outros bairros e até mesmo de outras cidades. Vale destacar também que o CA, ainda segundo o Censo Escolar, dispõe de laboratório de informática, internet banda larga, 15 computadores para uso dos alunos e 52 computadores para uso administrativo.

Segundo Rakos (2018), o convite a todos os professores e a apresentação do Projeto resultou no envolvimento de seis professoras, distribuídas em turmas do 4º ano, 5º ano e 9º ano do Ensino Fundamental, 1º e 2º anos do Ensino Médio. São ao todo 457 estudantes participantes do Projeto, distribuídos nas seguintes turmas:

- 4ºano: 74 estudantes (3 turmas), sendo 37 meninas e 37 meninos;
- 5ºano: 76 estudantes (3 turmas), sendo 39 meninas e 37 meninos;
- 9ºano: 75 estudantes (3 turmas), sendo 32 meninas e 43 meninos;
- 1ºano Ensino Fundamental: 77 estudantes (3 turmas), sendo 46 meninas e 31 meninos;
- 2ºano Ensino Fundamental: 82 estudantes (3 turmas), sendo 42 meninas e 40 meninos;

¹ Informações obtidas na página do CA na internet, disponível em: <http://www.ca.ufsc.br/historico-do-ca/>. Acesso em abril de 2019.

² Resultado do Censo Escolar 2018, realizado pelo QEDu, se encontra disponível em: <https://www.qedu.org.br/escola/222842-colegio-colegio-de-aplicacao-ufsc/censo-escolar>. Acesso em abril de 2019.

- 3ºano Ensino Fundamental: 73 estudantes (3 turmas), sendo 42 meninas e 29 meninos.

Algumas etapas do Projeto já foram realizadas no Colégio:

- 1. Apresentação do projeto e integração das professoras:** Apresentação do projeto com a participação dos pesquisadores através de reuniões com a diretora e professores interessados.
- 2. Evento Escola-Mundo e as oficinas no CA:** o primeiro evento do Projeto que foi realizado no CA em março de 2018, e contou com todos os parceiros, sendo possível um reconhecimento do grupo e alinhamento das propostas e pesquisas no Projeto. Também foram desenvolvidas no CA, diversas oficinas como: mostra de curtas, jogos, músicas.
- 3. Levantamento da demanda de educação em direitos humanos:** após o evento, foram feitas reuniões a cada quinze dias para discussão das demandas advindas da apresentação do Projeto e para as devolutivas dos questionários aplicados aos alunos antes do evento, um questionário de diagnóstico pré-projeto para todos os estudantes participantes.
- 4. Planejamento de ações transformadoras com as professoras:** realização de grupos de trabalho para o desenvolvimento colaborativo do planejamento. O resultado final dessa etapa inicial foi a definição da intencionalidade pedagógica, da integração de mídias e do delineamento geral do plano de ação com a turma.

As integrações acontecem no CA, com a participação de pesquisadores do Comunic para detalhamento do planejamento de aula, com definições das datas, recursos, organização da equipe envolvida, etc. O principal objetivo do projeto propõe que universidade e escola caminhem juntas na formação de cidadãos para os direitos humanos, através da imersão na cultura digital, para uma educação inclusiva de oportunidades, com uma perspectiva de empoderamento, autoria e produção colaborativa. Participei de um encontro desses no Colégio de Aplicação e pude ver o entusiasmo dos professores com as demandas trazidas por parte dos alunos.

6.1. Pesquisa com estudantes do CA

Para a avaliação do Projeto Conexão Escola-Mundo foi realizado pelos pesquisadores do Comunic, em março de 2018, um levantamento com todos os estudantes do CA envolvidos no Projeto, em um questionário digital de diagnóstico pré-projeto (Anexo A). Do questionário respondido, recortamos para a análise, as respostas dos estudantes do ensino fundamental 1 (4os e 5os anos) das perguntas referentes ao consumo de mídias pelas crianças. Esse recorte se deve ao foco de estudo deste TCC e à minha formação de Licenciatura em Pedagogia, que abrange a Educação Infantil (que não foi alvo da pesquisa) e os Anos Iniciais que foram representados pelas turmas já citadas.

O objetivo da pesquisa do Projeto foi analisar a inserção das crianças e adolescentes nas mídias, pois “reconhecemos que a cibercultura altera as formas de vida e produção do conhecimento na atualidade, o que não pode ser subestimado ou desconsiderado” (LAPA, 2013, p.35).

Para reconhecer o perfil dos estudantes, o questionário de diagnóstico pré-projeto foi aplicado em 155 estudantes do Ensino Fundamental I. Desses estudantes, 48,9% frequentavam o 4º ano e 51,1% o 5º ano.

Gráfico 5 – dispositivos utilizados na semana - Ensino Fundamental I

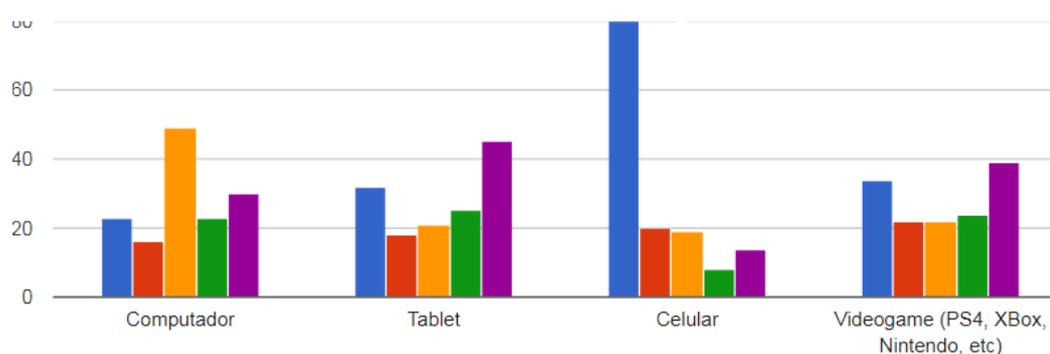
Azul – todos os dias

Vermelho – vários dias

Laranja – algum dia

Verde – nenhum dia

Roxo – não utilizei porque não tenho ou não deixam



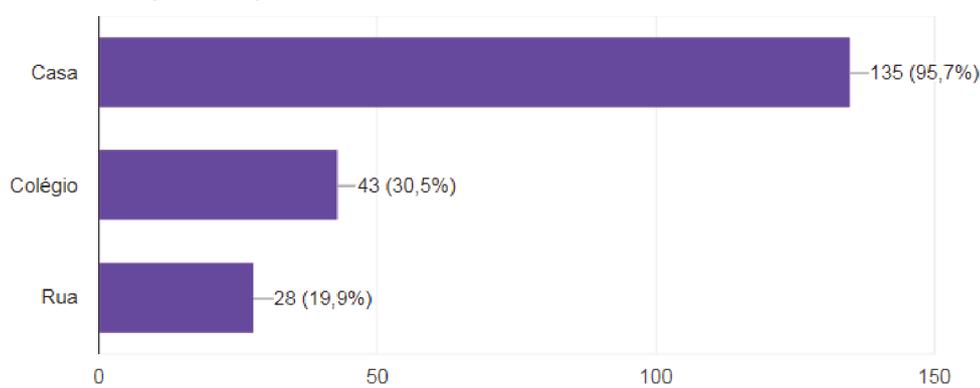
Fonte: Questionário Escola-Mundo para Alunos (Anexo A).

Como pode ser observado, o celular aparece como principal aparelho usado pelos estudantes para acessar a internet, e essas informações se assemelham aos dados da pesquisa TIC Kids Online, que apontou que o uso exclusivo do celular tem crescido nos últimos anos, chegando à proporção de quase metade dos usuários de 9 a 17 anos (44%). No entanto, a

pesquisa TIC Kids, ainda aponta que o fenômeno ocorre com maior frequência entre os indivíduos das classes DE (67%), se comparados àqueles das classes AB (15%).

Esses dados levam a um diagnóstico de que os usuários de classes mais altas contam com a possibilidade de desenvolver atividades mais variadas na Internet em relação aos usuários com condições socioeconômicas mais baixas. Por essa razão é preciso entender o papel da escola, pois em uma sociedade com desigualdade social como a que vivemos, a escola pública, em alguns casos, torna-se a única fonte de acesso às informações e aos recursos tecnológicos. É fundamental que sejam fomentados no Brasil políticas públicas pautadas na inclusão e na igualdade de oportunidades no acesso e uso das TIC.

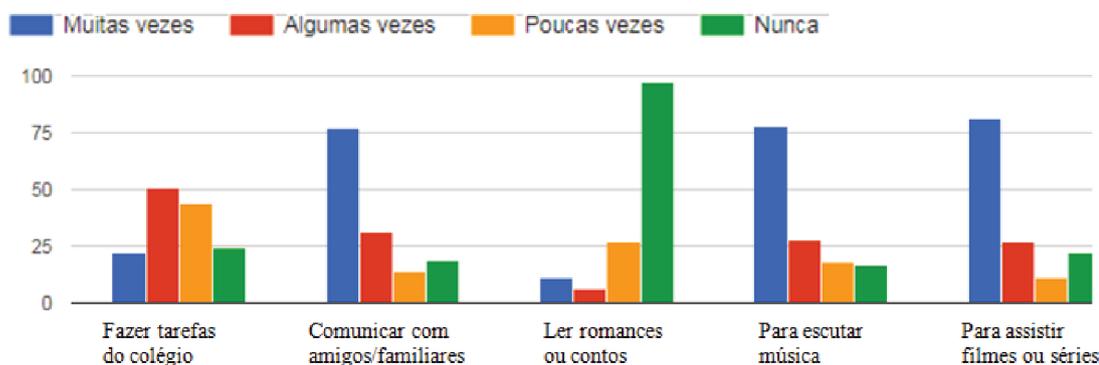
Gráfico 6 – local onde o estudante se conecta à internet



Fonte: Questionário Escola-Mundo para Alunos (Anexo A)

Nesta pesquisa, os estudantes puderam escolher mais de uma opção, mas ainda é bem evidente o uso da Internet em casa. Seguimos com o gráfico 7, para que possa ser feita uma identificação do uso da internet pelos estudantes do CA.

Gráfico 7 – Uso que o estudante faz da Internet



Fonte: Questionário Escola-Mundo para Alunos (Anexo A)

Se compararmos os gráficos 6 e 7, que mostra o local onde acessam e o uso que fazem da internet, percebemos que seu uso se faz em maior número em suas residências e se concentra em bate papo com amigos e familiares, assistir filmes e escutar músicas. O que

podemos concluir que os usuários são mais consumidores do que produtores de conteúdos. Se compararmos o gráfico 5 que tem o celular como o dispositivo mais usado entre as crianças entrevistadas com o gráfico 6, que seria o local onde se conectam a internet, deduz-se que a escola está afastada disso tudo.

Nos dias atuais, apesar da rejeição de muitas escolas e professores, os celulares com seus aplicativos, suas funcionalidades e suas facilidades auxiliam no contexto pessoal e também podem ser inseridos no ambiente escolar como prática educacional. O aparelho celular, pode se tornar um rico instrumento de aprendizagem, principalmente porque a maioria dos *smartphones* atuais possui inúmeros recursos que podem ser utilizados, tais como: câmera, gravador de voz, mapas, além de acesso à internet. Isso porque estar conectado em sala de aula não significa necessariamente distração e perda de foco. Quando bem direcionada, essa alternativa é também uma maneira de aprender como pesquisar, coletar dados, buscar referências e se inteirar de assuntos atuais em tempo real. Sendo assim, como descreve Pretto (2017, p. 43):

os computadores, como qualquer produto cultural e científico, são simplesmente (simplesmente!?) produtos culturais e científicos e eles passam a cumprir um papel pedagógico no momento em que o professor qualificado se apropria deles intencionalmente, a rever e a modificar sua prática a partir das potencialidades e desafios que esses aparatos tecnológicos trazem, por exemplo, adotando o celular em sala de aula ao invés de proibi-los.

Como podemos perceber no gráfico 7, as atividades mais frequentes utilizando a Internet são associadas ao entretenimento (comunicação, músicas, filmes), já as atividades relacionadas com aprendizagens escolares aparecem em posição secundária. Ler e fazer tarefas do colégio estão muito distantes do uso que realmente as crianças fazem em casa dessas tecnologias. Segundo Lapa e seu grupo “enquanto as escolas permanecem como cenário adequado para a aprendizagem de conteúdos, a vida real segue vibrante nas redes sociais” (LAPA; COELHO; SCHWERTL, 2015, p.5), assim, se torna imprescindível [...] “reconhecer as estratégias de manipulação e dominação nas redes sociais e buscar, ali também, formas alternativas de usos que pudessem promover a liberdade” (Idem, p.11).

6.2 Pesquisa com professores do CA

Os professores do CA também responderam ao questionário do Projeto Escola-Mundo para Professores (anexo B) o que nos auxilia a compreender a perspectiva dos professores na questão do consumo de mídias e integração de TIC na educação.

Ser professor é uma profissão que precisa estar em constante atualização, pois somos responsáveis em direcionar os estudantes, crianças e jovens, para que tenham um desenvolvimento humano voltado para a autonomia. Para que nessa guerra de informações, sejam sujeitos autônomos, pessoas que possam pesquisar as notícias e descobrir se são mesmo verdadeiras, para que não disseminem mentiras e histórias sem uma fundamentação científica, sem uma fonte segura que comprovem os fatos. Mas, como sabemos se estamos nos fazendo entender, se as crianças estão transformando essas informações em aprendizado? Para essa dúvida, Ghiraldelli (2007, p.96) é sábio com suas palavras:

Um conteúdo educativo quando permeado por uma pedagogia, visa à alteração do comportamento de quem esteve na relação ensino-aprendizagem. Ele não passa. Ele não é passado. Ele não transita. Sobre o conteúdo, ficamos efetivamente sabendo o que ele é quando o estudante que se integra em uma situação de ensino-aprendizagem tem um comportamento que revela as alterações que queríamos ver alcançadas.

Apresento a seguir, um recorte da pesquisa feita com professoras do CA, visto que o projeto ainda está em execução. Os resultados são frutos da pesquisa realizada com quatro professoras, três lecionam no Ensino Fundamental e uma no Ensino Médio, sendo que três têm licenciatura em Pedagogia e uma em Ciências Sociais. Três professoras já possuem doutorado.

Nos gráficos seguintes (8 e 9), foi perguntado às professoras se na prática docente, elas conseguem identificar demandas trazidas pela cultura digital para a escola, quais seriam e se a escola onde atuam está preparada para suprir as necessidades.

Gráfico 8 – Respostas dos professores, referente à demanda trazida pela cultura digital Na sua prática docente você consegue identificar demandas trazidas pela cultura digital para a escola? Quais?

4 respostas

Sim. Fazer uso destas tecnologias em sala de aula.

Sim. Aprender e ensinar a conviver de forma respeitosa em ambientes virtuais.

Sim, necessidade de conhecer o que as crianças fazem nas mídias digitais, conhecer o potencial das mídias digitais para potencializar as aulas, nova organização de tempos e espaços, revisões constantes do currículo, além de ter equipamentos para que os alunos saibam lidar com diferentes dispositivos, ter uma boa conexão de internet.

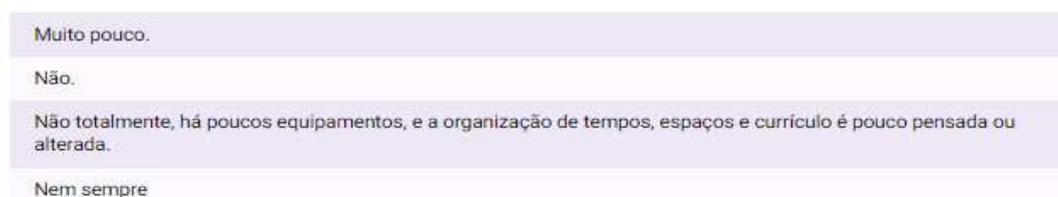
Jogos. Relações sociais. Bullying

Fonte: Questionário Projeto Escola-Mundo para professores (Anexo B)

Gráfico 9 – Se as professoras consideram que a escola onde atuam está preparada para suprir as necessidades supracitadas.

Caso a resposta para a pergunta anterior tenha sido afirmativa, você considera que a sua escola está preparada para atender as demandas supracitadas?

4 respostas



Fonte: Questionário Projeto Escola-Mundo para professores (Anexo B)

Observando as respostas dadas pelas professoras do CA, todas afirmam receber demandas trazidas pelos alunos referentes a cultura digital. Elas percebem a necessidade do uso em sala das tecnologias e a necessidade de uma aproximação com as crianças para identificar o uso que as mesmas fazem das mídias. Citam a necessidade de conhecer a mídia em todo seu potencial pedagógico para poder discutir temas relevantes como *bullying*, que também acontecem nas mídias digitais, porque, para Kellner e Share (2008, p. 703), “a busca pela alfabetização crítica da mídia é importante para identificar os elementos e objetivos necessários para a boa pedagogia midiática”. As professoras revelam que falta mais que aparelhos para tornar o ensino com as TIC mais efetivo, falta pensar em um novo currículo para uma nova educação com mídias, para que as salas de aula se diferenciem das dos tempos passados como vimos anteriormente.

Apesar das dificuldades apontadas pelas professoras, o CA, é considerado um colégio referência em educação pública, visto que os números do Qedu (portal que reúne informações sobre a qualidade do aprendizado nas escolas públicas brasileiras) tem um índice de qualidade do aprendizado elevado se comparado em nível de Estado e de Nação. Os resultados aqui apresentados são da Prova Brasil 2017 que avaliam as disciplinas de Português e Matemática do 5º ano do Ensino Fundamental, onde o CA tem 78% de qualidade de aprendizado em Português, comparado com Santa Catarina (71%) e Brasil (56%) e tem 83% de qualidade de aprendizado em Matemática, um número bastante promissor, quando comparado com Santa Catarina (59%) e Brasil (44%).

Para Giroux (2001, apud KELLNER; SHARE, 2008, p. 701), “o aprendizado em sua melhor forma, está diretamente relacionado a importantes questões de responsabilidade social e atitude política”. E assim, como já mencionado, a Educação num todo, precisa de Políticas

Públicas voltadas para o fortalecimento do sujeito para uma formação humana, emancipadora e libertadora.

A possibilidade de um ensino crítico, criativo e comprometido com a mudança social existe, e segundo Lapa; Coelho; Schwertl (2015 p.16), “professores que são sujeitos formados criticamente e não atuam como mero reprodutores, são capazes de encontrar as brechas de ação no sistema e configurar, assim, um espaço de possibilidade e transformação”.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa análise do TCC propiciou uma compreensão mais aprofundada sobre os desafios da educação no contexto da cultura digital, visto que, as novas formas de aprender e ensinar apoiadas pelas tecnologias poderão tornar o processo de ensino-aprendizagem mais flexível, integrado, empreendedor e inovador.

As mudanças neste mundo globalizado estão acontecendo a cada milésimo de segundo e a informação chega de várias formas e cenários. Como a educação vai acompanhar essas mudanças é o grande desafio imposto a gestores e professores, pois a escola no contexto midiático atual tem o papel de inserir e preparar os alunos para serem usuários críticos, criativos e ativos das mídias, sejam elas quais forem.

Repensar a escola como um espaço de compartilhamento dos saberes e de cidadania, incluindo tecnologia dentro e fora da sala de aula é o desafio dos educadores. Pois vimos que não basta estar tecnicamente preparado para as novas mídias, e sim, incluí-las em todas as áreas curriculares, através de uma alfabetização crítica capaz de interpretar essas mídias (jornais, músicas, fotos, textos, vídeos, etc.) e compreender que a mensagem que elas passam, nunca é neutra e despretensiosa. Toda mensagem é carregada de intenções e significados sejam elas explícitas ou implícitas.

Utilizando dados do Cetic.br foi possível analisar quem são as crianças e jovens brasileiros que utilizam a internet e depois confrontar os dados obtidos com os questionários do Projeto Conexão Escola-Mundo no CA. Esses dados permitiram compreender o crescente uso, quase que exclusivo dos celulares, principalmente, entre as famílias provenientes das classes trabalhadoras. Observou-se também que a maioria das crianças e jovens que utilizam a internet para realizar atividades escolares, não recebem recomendações de como usar de forma segura.

Compreende-se a dificuldade e a necessidade dos professores de incluírem a mídia-educação com todo seu potencial pedagógico para promover, assim, uma educação emancipadora contribuindo na formação de sujeitos produtores e participantes culturais e não apenas consumidores. Mas para essa integração, o sistema educacional precisa se ocupar de olhar dentro desse contexto com uma proposta pedagógica que perpassasse todo currículo.

Como vimos no decorrer da pesquisa a tecnologia serve como uma linguagem de aproximação entre dois mundos aparentemente distantes (professor/aluno) e que a aprendizagem é mais efetiva quando compartilhada, um ensino baseado em trocas e desafios, envolvendo alunos para a participação e expressão de suas opiniões. Entende-se que o aluno não é mais o sujeito passivo da sua própria formação e que o espaço da escola, deixa de ser o

espaço exclusivo para a construção do conhecimento, por isso a mídia-educação deve entrar na escola como um condutor de transformação.

Sabemos que ainda há muitos desafios a serem superados, que a aprendizagem é algo que acontece ao longo da vida, então, sempre temos o que aprender. Portanto como foi dito inicialmente, não podemos ficar alheios às mudanças e no caso da educação, os professores como disseminadores do conhecimento devem cada vez mais estar atentos a todas as questões relativas às TIC. Pois tendo a consciência que elas não vieram para substituí-los, as TIC estão aí para somar, como um facilitador e também um propulsor da aprendizagem, já não podendo mais ser dissociada da alfabetização e do letramento.

REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, David. **Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização.** In: Educação & Realidade.V.35, n.3, p. 37–58, set./dez., 2010.

BUCKINGHAM, David. **Precisamos realmente de educação para os meios?** In: Comunicação & Educação. Ano XVII n.2, jul./dez. 2012 p.41-60.

BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e Mídias no Brasil: Cenários de Mudança.** São Paulo: Papyrus, 2010.

BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação: contextos, histórias e interrogações.** In: FANTIN, Monica. RIVOLTELLA, PierCesare (orgs). **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores.** Campinas, SP: Papyrus. 2013

Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br (2017). **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2017.** São Paulo: CGI.br.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos.** Olhar de Professor, Ponta Grossa, 14(01): 27-40, 2011.

FARACO, C. A. **Linguagem escrita e alfabetização.** São Paulo: Contexto, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 23ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GIROUX, H. **Theory and resistance in education: towards a pedagogy for the opposition.** Westport: Bergin & Garvey, 2001.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **O que é pedagogia.** 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

HOPENHAYN, M. (cord.). **La juventuden Iberoamérica: tendencias y urgencias.** Santiago de Chile: CEPAL/OIJ, 2004, pp.17-21.

JENKINS, H. **Convergence culture: where old and new media collide.** New York: New York University, 2006.

KELLNER, D.; SHARE, J. **Educação para leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação.** In: Educação & Sociedade: o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação na formação de professores. Campinas, v.29, nº 104, 2008.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância.** Campinas, SP: Papyrus, 2003.

_____. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação.** 3ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008a.

_____. **Novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias.** Cadernos Pedagogia Universitária 7. USP: Pró Reitoria de Graduação. 2008b.

LAPA, Andrea B. **Reflexões Sobre a Formação Crítica em Redes Sociais**. In: Bergmann, Juliana; Grané, Mariona. (Org.). La universidad em lanube. A universidade na nuvem. 1ª Ed. Colección Transmedia. Barcelona: Laboratori de Mitjans Interactius. Universitat de Barcelona, 2013, v. 06, p. 23-46.

_____. **Introdução à educação a distancia**. Florianópolis: UFSC/EaD/CED/CFM, 2014

LAPA, A.; COELHO, I.; SCHWERTL, S. **As redes sociais como um espaço público educador**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – UFSC – Florianópolis, out. de 2015.

LUKE, A.; FREEBODY, P. Further notes on the four resources model. Reading Online. 1999. Disponível em: <<http://www.readingonline.org/research/lukefreebody.html>>

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. **A Comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 16ª Ed. Campinas: Papirus, 2009.

MORAN, José Manuel. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus, 2014.

_____. **Por onde começar a transformar nossas escolas?** [S.I.] 2017a. Disponível em <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/04/come%C3%A7ar.pdf>> Acesso em março de 2019

_____. **Tecnologias digitais para uma aprendizagem ativa e inovadora**. [S.I.] 2017b. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/11/tecnologias_moran.pdf> Acesso em: março de 2019.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: **TIC educação 2017**. Núcleo de Informação do Ponto BR, São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018.

PRETTO, Nelson. et al. **Conexão Escola-Mundo: espaços inovadores para formação cidadã**. Projeto de Pesquisa submetido ao CNPQ. UFBA, 2018.

_____. **Educações Culturais e Rackers: escritos e reflexões**. EDUFBA: Salvador, 2017.

RAKOS, Florencia M. **Educação em Direitos Humanos e Conexão Escola-Mundo: possibilidades de empoderamento dos jovens do Colégio de Aplicação – UFSC**, 2018.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO PROJETO ESCOLA-MUNDO PARA ALUNOS

Questionário EM-A

ProjetoEscola-Mundo

Questionário para alunos

1. Dados de perfil

1.1 Nome

1.2 Gênero

1.3 Ano de nascimento

1.4 Escola em que está matriculado

2 Uso dos dispositivos

2.1 Quais dispositivos você utilizou esta semana?

Dispositivo	Utilizei todos os dias	Utilizei vários dias	Utilizei algum dia	Não utilizei nenhum dia	Não pude utilizar porque não tenho ou não me deixam
Computador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tablet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Celular conectado via wifi	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Celular conectado via 3G ou 4G	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Videogame (PS4, XBox, Nintendo, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2.2 Local onde você se conecta à Internet? (pode escolher mais de uma opção)

- Casa
- Colégio
- Rua

2.3 Para que você se conecta à Internet?

	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
Para fazer as tarefas do colégio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para me comunicar com meus amigos ou familiares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para ler romances ou contos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para escutar música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para assistir filmes ou séries	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para criar música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para fazer vídeos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para escrever em blogs ou outros sites próprios	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para participar de blogs ou sites de outras pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para participar de ações políticas ou sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2.4 Se você respondeu “Outra”, indique qual:

2.5 Quais redes sociais você utiliza?

	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
Twitter	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Facebook	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Instagram	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
WhatsApp	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Snapchat	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2.6 Se você respondeu “Outra”, indique qual:

2.7 Para você, os smartphones e os tablets são... (você pode escolher mais de uma opção).

- Divertidos
- Caros
- Necessários
- Complicados
- Úteis
- Viciantes
- Para ostentar

2.8 Indique se você está ou não de acordo com a frase:

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
Meus pais querem que eu tenha um Smartphone	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meus amigos querem ter um Smartphone	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Eu quero ter um Smartphone	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Todas as crianças deveriam poder ter um Smartphone	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Todos os adultos deveriam poder ter um Smartphone	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Somente deveriam ter um Smartphone as pessoas com certo grau de instrução	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ninguém deveria ter um Smartphone	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2.9 Escolha os 8 direitos mais importantes para você:

Direito a ter água corrente em casa	<input type="checkbox"/>
Direito a ter uma boa educação	<input type="checkbox"/>
Direito de ter computadores e acesso à internet em casa	<input type="checkbox"/>
Direito a ir estudar em uma Universidade	<input type="checkbox"/>
Direito a comer o suficiente todos os dias	<input type="checkbox"/>
Direito a poder expressar minhas ideias não importa quais sejam	<input type="checkbox"/>
Direito a ter acesso a informações	<input type="checkbox"/>
Direito a poder escutar a música que quiser, independente do dinheiro que tenha	<input type="checkbox"/>
Direito a poder conectar-se à Internet quando e onde quiser	<input type="checkbox"/>
Direito a ter tempo para brincar	<input type="checkbox"/>
Direito a ter uma educação/vida livre de castigo físico	<input type="checkbox"/>

Direito a poder viajar para onde quiser	•
Direito a eleger os governantes	•
Direito a um julgamento justo	•
Direito a assistir ao futebol	•
Direito a poderjogar futebol	•

2.10 Qual nota (de 0 a 10) a maioria dos seus amigos dariam às seguintes palavras de acordo com sua importância?

Informação
Amizade
Escola
Liberdade
Música
Cinema
Justiça
Futebol
Televisão
Família
Carnaval
Educação
Rádio
Jogo
Estudo
Amor

2.11 Quando você está utilizando o celular, você se sente como se fosse...

	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
Um artista	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um estudante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um leitor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um cidadão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um espectador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Amigo de alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uma pessoa importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uma pessoa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um fanático	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um bobo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

ANEXO B – QUESTIONÁRIO PROJETO CONEXÃO ESCOLA-MUNDO PARA PROFESSORES

QUESTIONÁRIO EM-P

ProjetoEscola-Mundo

Questionário para professoras

1 Dados de Perfil

1.1 Faixa etária

Até 30 anos

De 31 a 45 anos

De 46 anos ou mais

1.2 Região

Norte

Nordeste

Sudeste

Sul

Centro-Oeste

1.3 Nível em que leciona

Ensino Médio

4ª série/5º ano do Ensino Fundamental

8ª série/9º ano do Ensino Fundamental

1.4 Sexo

Masculino

Feminino

Outro

1.5 Grau de escolaridade

EnsinoMédio

Magistério

Técnico/

Profissionalizante

Outros

Ensino Superior (graduação). Pode assinalar mais de uma opção:

- Licenciatura. Indique a área: _____
- Bacharelado. Indique a área: _____

Ensino Superior (pós-graduação). Pode assinalar mais de uma opção:

- Especialização. Indique a área: _____
- Mestrado. Indique a área: _____
- Doutorado. Indique a área: _____
- Pós-Doutorado. Indique a área: _____

1.6 Tempo de experiência profissional

Até 5 anos

De 6 a 10 anos

De 11 a 15 anos

De 16 a 20 anos

De 21 anos ou mais

2 Uso dos dispositivos

2.1 Tipo de dispositivo mais utilizado pela professora nas atividades com os alunos

	Mais de uma vez por dia	Pelo menos uma vez por dia	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Menos de uma vez por mês	Nunca	Não usou na escola
Computador portátil ou notebook							
Computador de mesa							
Tablet							
Smartphone							
Console de videogame							

2.2 Local de acesso à internet

- Casa
- Escola
- Na rua (exemplo de viagem)
- Em um local de acesso pago (Lan house ou Internet Café)
- Em um local público de acesso gratuito (universidade, biblioteca pública, Sesc ou associação comunitária)
- Outro lugar

2.3 Atividades realizadas na internet por mim

	Muitas vezes	Várias vezes	Poucas vezes	Nunca
Procurar informação, usando buscador				
Enviar mensagens instantâneas				
Enviar e-mails				
Participar de redes sociais				
Configurar as opções de segurança e privacidade das redes sociais				
Baixar e instalar softwares ou programas de computador				
Participar de cursos on-line pela Internet				
Participar de fóruns ou grupos de discussão on-line				
Postar filmes ou vídeos pela Internet				
Criar e atualizar blogs e páginas na Internet				
Usar a Internet para realizar chamadas ou conversas (exemplo: Skype)				
Para criar música ou vídeos				
Participar de ações políticas ou sociais				

2.4 Atividades realizadas com os alunos com dispositivos

	Mais de uma vez por dia	Pelo Menos uma vez por dia	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Menos de uma vez por mês	Nunca	Não usou na escola
Solicitou a realização de exercícios							
Tirou dúvidas de alguns alunos individualmente							
Solicitou trabalhos em grupo							
Deu aulas expositivas							
Solicitou a realização de trabalhos sobre temas específicos							
Realizou interpretação de textos com os alunos							
Promoveu debates ou apresentações com os alunos							
Fez pesquisas em livros e revistas com os alunos							
Solicitou que os alunos produzissem textos, desenhos ou maquetes							
Trabalhou com jogos educativos com os alunos							
Elaborou planilhas e gráficos com os alunos							
Solicitou que os alunos produzissem música ou vídeos							

Solicitou que os alunos fazem pequenos programas de computador ou aplicativo móvel							
--	--	--	--	--	--	--	--

2.5 Local de uso do computador/tablet/smartphone em atividades com os alunos

- Sala de aula
- Laboratório de informática
- Sala dos professores
- Biblioteca
- Secretaria ou diretoria
- Centro público de acesso gratuito
- Outro local
- Não utilizou para realizar atividades pedagógicas

2.6 Uso do computador e da internet nas atividades gerais por mim

	Mais de uma vez por dia	Pelo menos uma vez por dia	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Menos de uma vez por mês	Nunca	Não usou na escola
Buscar conteúdo a ser trabalhado em sala de aula							
Buscar exemplos de planos de aula							
Outras finalidades relativas à atividade docente							
Usar portais de professores							

Realizar tarefas administrativas da escola							
Compartilhar conteúdos educacionais com outros professores							
Pesquisar ou baixar livros na Internet							
Utilizar programas educativos da TV para mostrar em sala de aula							
Para criar música ou vídeos							
Participar der ações políticas ou sociais							

2.7 Percepção sobre possíveis impactos das TIC em práticas pedagógicas

	Muitas vezes	Várias vezes	Poucas vezes	Nunca
Passou a ter acesso a materiais mais diversificados ou de melhor qualidade				
Passou a adotar novos métodos de ensino				
Passou a cumprir suas tarefas administrativas com maior facilidade				
Passou a colaborar mais com outros colegas da escola				
Passou a se comunicar com os alunos com maior facilidade				
Passou a fazer avaliações mais individualizadas dos alunos				

Passou a ter contato com professores e com especialistas de outras escolas				
Passou a ter menos trabalho				
Os alunos podem projetar e criar textos, vídeos ou música				
Os alunos podem começar a participar como cidadãos ativos				
Passou a sentir necessidade de atualização curricular				
Passou a sentir mais necessidade de formação permanente				
Passou a ser mais questionado pelos alunos				
Os alunos podem copiar trabalhos mais facilmente				
Os alunos se dispersam com maior facilidade				
Passou a ter mais trabalho para a elaboração das aulas				

2.8 Com que frequência você utiliza as seguintes redes sociais?

	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
Twitter				
Facebook				
Instagram				
WhatsApp				
Snapchat				
Outra				

2.9 Caso tenha respondido “Outra”, indique qual:

2.10 Para você, os smartphones ou tablets são... (pode escolher mais de uma opção)

- Divertidos
- Caros
- Necessários
- Complicados
- Úteis
- Viciantes
- Motivo de orgulho

2.11 Indique em que medida você está de acordo com estas afirmações:

	Totalmente de acordo	De acordo	Em desacordo	Totalmente em desacordo
Os pais querem que seus filhos tenham smartphone				
Meus alunos querem ter um smartphone				
Eu quero ter um smartphone				
Todos os jovens deveriam poder ter um smartphone				
Todos os adultos deveriam poder ter um smartphone				
Só deveriam ter um Smartphone as pessoas com cultura				
Ninguém deveria ter um smartphone				

2.12 Que importância você dá aos seguintes direitos?

	Muito importante	Importante	Um pouco importante	Nada importante
Direito a ter água corrente em casa				
Direito a ter uma boa educação				
Direito de ter computadores e acesso à internet em casa				
Direito a ir estudar em uma Universidade				

Direito a comer o suficiente todos os dias				
Direito a poder expressar minhas ideias não importa quais sejam				
Direito a ter acesso a informações				

Direito a poder escutar a música que quiser, independente do dinheiro que tenha				
Direito a poder conectar à Internet quando e onde quiser				
Direito a ter tempo para brincar				
Direito a ter uma vida/educação livre de castigo físico				
Direito a poder viajar para onde quiser				
Direito a eleger os governantes				
Direito a um julgamento justo				
Direito a assistir ao futebol				
Direito a poder jogar futebol				

2.13 Que nota (de 0 a 10) a maioria dos professores e professoras que você conhece dariam a estas palavras, de acordo com sua importância?

Informação	
Amizade	
Escola	
Liberdade	
Música	
Cinema	
Justiça	
Futebol	
Televisão	
Família	
Carnaval	
Educação	
Rádio	
Jogo	
Estudo	
Amor	

2.14 Quando você vê alguém utilizando seu Smartphone em público, você se sente como...

	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
Um artista				
Um estudante				
Um leitor				

Um cidadão				
Um espectador				
Amigo de alguém				
Uma pessoa importante				
Uma pessoa normal				
Um fanático				
Um bobo				

Na sua prática docente você consegue identificar demandas trazidas pela cultura digital para a escola? Quais?

Caso a resposta para a pergunta anterior tenha sido afirmativa, você considera que a sua escola está preparada para atender as demandas supracitadas?

Você considera importante abordar questões relacionadas aos direitos humanos em suas aulas? Em que sentido?